



Patrocinador oficial do mês:  
Zeca Afonso

## Abril

### Indie Lisboa

de 19 a 29 de Abril  
Fórum Lisboa e cinemas King, São Jorge  
e Londres

### Scissor Sisters

dia 27  
às 21h  
Coliseu dos recreios

### Sete Propostas para arquitectura

**Manuel Cargaleiro**  
até 27 de Junho  
Museu Nacional do Azulejo

## MCE

Encontro Nacional de Responsáveis  
dias 27, 28 e 29 de **Abril**

### EDSEBS

dias 4,5 e 6 de **Maio**  
Casal do Gradil (8 km da Malveira)

### RGS

dia 8 de **Maio**

### Ca'fé com Deus

dia 14 de **Maio**

# abril com'ó milho

MCE | Çç Bento da Rocha Cabral, nº1, 1250-047 Lisboa | 931 621 591  
<http://mcelisboa.blogspot.com/> | [mce.lisboa@gmail.com](mailto:mce.lisboa@gmail.com) | ano '07



**O que faz falta é animar a malta**

**O que faz falta**

**O que faz falta é acordar a malta**

**O que faz falta**

**O que faz falta é animar a malta**

**O que faz falta**

**O que faz falta é empurrar a malta**

O que faz falta é um Lis'boa com'ó milho para celebrar estes dois meses e os seus feriados, que querem animar a malta: 25 de Abril faz barulho no Carmo, com barraquinhas de várias associações montadas para a festa. E dia 1 de Maio, à manifestação dos trabalhadores junta-se um novo grupo interventivo, que vai desfilar numa parada contra a precariedade. Para mais informações é favor consultar o site oficial: [www.maydaylisboa.net](http://www.maydaylisboa.net) É também tempo de Primavera e de EDSEBS. E de ler os textos da Inês, da Joana e da Cris.

**As Editoras**



**Coisas que digo. Coisas que escrevo. Coisas que faço.**  
**Inês, 16 anos, design de comunicação, Porto.**

**A escola**, cheia de artes em partes, ocupa-me a manhã, a tarde e a noite (porque no inverno esta chega mais cedo). Trabalho na área da comunicação. Jogos de palavras, cores, texturas e cenas, para fazer chegar aos olhos de mais muitas coisas de que gosto.

Além destas coisas faço ballet clássico.

A expressão corporal de um corpo de baile, o esforço e as feridas que têm de parecer leveza.

Para mim ser bailarina é abusar do corpo cá dentro, e mostrar (para fora) um controlo enorme que só se adquire ao dançar. É viver o palco em pontinhas dos pés. Sei bem que não é a dança que mais me identifica, mas é a base de todo o movimento. É uma força + genica + músculo + prazer confundido com dor.

Além do ballet que pratico quatro dias por semana, uma hora e meia em cada um deles, danço em festivais e bailes onde sinto a dança mais espontânea.

Danças tradicionais europeias.

Incrível a intimidade de uma dança. Incrível a quantidade de sensações leves e fortes de um círculo, de um par. incomum o toque, a forma de agarrar um outro corpo. Conhecido = desconhecido, desconhecido = conhecido. Uma linguagem primitiva que supera qualquer palavra.

E as outras horas que sobram de um dia?

Toco violoncelo para mim e para ele.

Em 8 anos de música consigo separar anos de técnica, anos de "fingir-que-faço" e finalmente, anos de prazer.

Sempre toquei porque quis, mas agora mais do que nunca, quero e devo partituras.

Decido partilhar: 1ª suite de Bach; a peça com que choro, suo, rio e danço.

Guardo fins de semana para escrever, e recortar pessoas.

Viajar, comer e dormir.

Tempo livre? ..nem para cortar as unhas dos pés.



Sentada na margem oposta à cidade, perto do recinto onde se celebram as festas universitárias, vejo a cidade crescer. Aos meus pés tenho o Mondego com as suas águas calmas que fazem baloiçar lentamente o barco de passeio de nome “Bazófiás”, por cima da minha cabeça as gaivotas que sussurram uma melodia tranquilizante e embaladora. Movo o olhar ligeiramente para cima e cruço-me com um extenso Parque onde se ergue uma fileira de árvores despidas e sinto uma impressão de folhas a estalar, olho os bancos e vejo amores que em tempos ficaram marcados na pedra fria e envelhecida o vento traz numa brisa um fado “ Ó Coimbra do Mondego e dos amores que eu lá tive...”

Continuo a minha viagem, sinto-me sem fôlego ao subir a Couraça de Lisboa, é uma rua empredada e com uma subida acentuada, no entanto, apesar de já quase sem forças a vista sobre o rio e Santa Clara (a margem onde estou sentada) é fantástica, e o sentir que em cada porta e em cada casa se ergue um passado, uma história escondida entre rugas e solidão, se escondem pedaços da história, faz com que a subida pareça um caminho menos difícil.

Ao chegar ao cima um edifício suga-me rapidamente, sinto risos. Ao entrar o cheiro de algo novo e diferente (o mce) invade-me o corpo e a vontade de ficar permanece. Mas não estou só, uma sede que outrora era pouco movimentada é agora um turbilhão de emoções, partilhas e descobertas. As novas caras e atitudes existem, tiram o silêncio a sede todas as segundas e sextas sem falta para traçar esboços de cartazes sem comodismo, os compromissos afinam-se para futuros um pouco mais longínquos, pré-ensebs, ensebs e pós-ensebs mas por enquanto as mesas enchem-se no Encontro de Natal com promessas de mais contributos. O ses anda ausente para exames (a algum tempo) mas espera trazer estudantes ( não fosse esse o nome que caracteriza a nossa cidade) novas “criaturas” para um debate sobre Bolonha.

Continuo, em dois passos estou na porta férrea que se abre para a Torre da Universidade, as suas horas marcam eferrás, serenatas e muita festa.

Corro para o autocarro que circunda a Praça da República, o ponto de encontro de bares, do teatro, da associação, das lojas onde se compra o traje – dos sítios de convívio.

Saio na paragem perto do Mercado de D. Pedro V e enfió-me na baixa, as guitarras e as castanhas a serem apregoadas ouvem-se perto da igreja de Santa Cruz e a rua alonga-se com comércio tradicional e tocadores nas ruas até aos cafés cheios de doces conventuais ( pasteis de nata, barrigas de freira , queijadas...) e perto do Hotel Astória.

Fiz uma viagem circular, a minha frente o Mondego e Santa Clara, à minha esquerda a Couraça e atrás de mim a baixa. Olho com mais cuidado e vejo-me sentada, do outro lado, a escrever...

**Cristiana, de Coimbra**



Troquei mais uma noite de casa, ou de saída, ou talvez de estudo, por uma Reunião Geral de Sector. Que, no fundo, é tudo junto. Tem o cheiro ao desanuvió de uma saída, sabe ao novo do aprender, e traz o quentinho de uma manta em nossa casa porque estamos lá, juntos. Mostraram-nos uma reportagem de imagens de famílias de várias partes do mundo (de África aos EUA) e do que consomem numa semana exposto em mesas, ou até no chão, ao lado delas. Pediram-nos que adivinhássemos de onde era cada uma delas, e quanto gastavam em dinheiro numa semana em alimentação. O choque entre o valor escrito por nós e o valor real foi por demasiadas vezes exorbitante. É incrível como tantos gastam demasiado em tão pouco tempo, e tantos gastam tão pouco, e sobrevivem. E é incrível como tantos sorriem para a fotografia, uns com a barriga cheia do “vou aparecer no jornal” (ou quem sabe de comida), outros com um sorriso-de-canto-de-boca só porque sim, só “porque não?”. Aos poucos fomos deixando de sentir a mantinha no colo que nos aquece. Aos poucos fomos deixando de sentir a mantinha no colo que nos aquece. Aos poucos fomos deixando de sentir a mantinha no colo que nos aquece. A os poucos fomos deixando de sentir a mantinha no colo que nos aquece. A os poucos fomos deixando de sentir a mantinha no colo que nos aquece. A os poucos fomos deixando de sentir a mantinha no colo que nos aquece.

Porque a paz não é a ausência de guerra. Porque paz também é poder viver sem resumir a preocupação ao sobreviver. Porque paz também é ter um emprego, ou um negócio, ou uma mantinha que nos aqueça quando os dias estão frios, ou uma mantinha que nos aqueça quando o sol grita lá fora, só porque sabe bem, só porque sim.

**Joana Félix**

## Aniversários

### **Abril**

dia 4: Joana Farinha

dia 21: Marcos Carvalho

### **Maió**

dia 2: Pedro Guerra

dia 7: João Nunes

dia 8: Miguel Azevedo

dia 25: Hugo Valente

dia 27: Carlota Sacoto